

FREUD X FRANK: UMA LEITURA DO TEXTO “DOSTOIÉVSKI E O PARRICÍDIO”

Paulo Cesar Jakimiu Sabino¹

RESUMO: *O intuito do artigo é realizar uma análise sobre duas perspectivas distintas acerca da figura de Fiódor Dostoiévski. As interpretações, a saber, são as de Sigmund Freud e as de Joseph Frank. Enquanto o primeiro faz uma análise psicanalítica dos romances do escritor russo, a fim de defender a ideia de que ele sofria de distúrbios neurológicos que influenciaram sua obra, Frank argumenta contra as ideias de Freud. O objetivo não é investigar quem está com a razão sobre o romancista, mas buscar uma visão adequada acerca dos altos e baixos do texto “Dostoiévski e o Parricídio”, e, desse modo, tentar compreender como os romances de Dostoiévski anteciparam alguns temas caros para a psicanálise.*

PALAVRAS-CHAVE: *romance russo; complexo de Édipo; literatura.*

ABSTRACT: *The intention of the article is to accomplish an analysis on two different perspectives about the figure of Fyodor Dostoyevsky. Namely, the interpretations are from Sigmund Freud and Joseph Frank. While the first one uses the psychoanalysis to interpret the Russian writer's novels, in order to hold the idea of he suffers from neurological disorders that have influenced his work, Frank argues against Freud's ideas. The aim is not investigating who is right about the novelist, but search a proper view about the ups and downs of the text “Dostoyevsky and Parricide”, and thereby, try to understand how Dostoyevsky's novels have anticipated some important subjects to the psychoanalysis.*

KEY WORDS: *russian novel; Oedipus complex; literature.*

Recebido em 12-01-2017
Aceito em 12-02-2017

¹ Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Foi ele quem matou meu pai, e não meu irmão. Matou e eu o incitei a isso... Quem não deseja a morte de seu pai?

(DOSTOIÉVSKI, 1970, p. 672).

INRODUÇÃO

O romance russo, em especial no século XIX, merece destaque. Ao lado dos franceses e ingleses, goza de um justo reconhecimento, não apenas pela poética lapidar, mas também pelos temas fundamentais que iriam ser explorados: se na Inglaterra Dickens expôs a miséria de uma sociedade e como ela influenciava a vida dos cidadãos em *Oliver Twist*, na Rússia, Tolstói mexia com os nervos dos conservadores ao tratar de uma relação extraconjugal em *Anna Karénina*. Contudo, o autor em foco aqui é Fiódor Dostoiévski. Seus romances despertaram o interesse de grandes nomes do pensamento universal – Friedrich Nietzsche é apenas um desses que teriam reconhecido sua genialidade. E isso tem um bom motivo: poucos escritores da literatura conseguiram atingir tão profundamente a alma humana como Dostoiévski. Ele não se contentava com a superfície e nem com camadas que iam um pouco mais além – seu objetivo era o que há de mais íntimo no humano. Desse modo, ele demonstra que a literatura, as artes em prosa e verso podem desempenhar a mesma função – com especificidades que talvez sejam até mais interessantes para tanto – de um texto erudito de filosofia ou de psicanálise. Por isso, a leitura de tais obras exige cuidado, e, por consequência, há quem busque suporte justamente em escritos das áreas supracitadas, dada a proximidade entre elas.

Um dos mais famosos comentários acerca de Dostoiévski é o artigo escrito por Freud intitulado “Dostoiévski e o Parricídio”, que ainda é motivo de inúmeras discussões; uma interpretação unilateral dele, ou mesmo acatá-lo sem uma postura crítica, pode levar a algumas visões que não são muito

consistentes. Uma análise séria torna-se necessária. Claro que seria igualmente imprudente descartar por completo esse texto, pois sua interpretação psicanalítica auxilia não apenas a “compreensão” dos romances, mas também demonstra como Dostoiévski influenciou a própria psicanálise.

A ideia aqui é, então, fazer uma exposição do artigo de Freud para contrapor suas ideias com as de Joseph Frank, especialista e biógrafo do escritor russo, que escreveu uma espécie de “texto-resposta” a Freud – e, a partir dos esclarecimentos, tentar impedir algumas confusões para interpretar tanto a visão de um como a de outro. Também tentamos extrair como os temas que foram construídos dentro das histórias monumentais de romancista contribuíram, de alguma maneira, para a visão psicanalítica da existência humana e o legado da psicanálise para as artes. Afinal de contas, a literatura e outras artes sempre ocuparam um papel privilegiado para Freud. Elas conseguem falar da psique por uma via alternativa. Ao final, discute-se não apenas o legado de Dostoiévski para a psicanálise, mas também desta segunda para a literatura através do conceito de sublimação.

A RELAÇÃO FREUD-DOSTOIÉVSKI E CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O ARTIGO

Antes de contrapor a análise de Freud com as críticas de Frank, seria interessante comentar brevemente o texto para orientar melhor a discussão aqui proposta. Para isso, são necessários alguns apontamentos sobre a relação entre Freud e Dostoiévski, uma vez que a maneira como o psicanalista escreve pode não ser muito clara se não levarmos em conta suas estratégias de argumentação e justificativas para pontos que podem resultar

em embaraços, como, por exemplo, reduzir a análise psicanalista sobre o escritor a uma mera tentativa de expor as neuroses e perversões do mesmo. Ernani Chaves alerta que o interesse de Freud nas patografias não era colocar em evidência os traços neuróticos dos artistas, mas de “considerar que o processo de criação artística segue o modelo de constituição da neurose” (CHAVES, 2015, p. 11). Também não é o caso de pensar que Frank apenas quer desqualificar a teoria psicanalítica por mera predileção a Dostoiévski, e sim que ele, como biógrafo, aponta alguns dados pertinentes que corroboram para as críticas em relação às teses levantadas por Freud no texto.

Isso tudo pode ocorrer porque o artigo, “Dostoiévski e o Parricídio”, traz um conteúdo problemático por inúmeras razões – seja pelas afirmações de Freud acerca do escritor, que podem causar certo desconforto nos simpatizantes de seus romances, ou pela falta de rigor para com os dados biográficos, mesmo que, devido à época de Freud, fosse impossível para ele obter dados que viriam a ser mais precisos posteriormente. Nesse sentido, é digno de nota um fragmento de uma carta de Freud a Theodor Reik, com data de 14 de abril de 1929, na qual fala da resenha crítica de Reik sobre seu estudo. Ele afirma a Reik que não se podia exigir muito do pequeno texto, este tinha uma arquitetura descuidada (Cf. FREUD, 2014, p. 363), e ainda faz uma afirmação mais curiosa:

Você também está certo ao supor que, com toda a minha admiração pela intensidade e superioridade, eu não gosto de Dostoiévski, na verdade. Isso porque minha paciência com naturezas patológicas se esgota na análise. Na arte e na vida não sou tolerante com elas (ibidem, p. 364).

Ela é curiosa porque, quando inicia seu artigo, coloca Dostoiévski ao lado do nome de Shakespeare e ainda completa: “Sem exagero, *Os irmãos Karamazov* é o mais extraordinário romance já escrito” (Idem, 2015, p. 283). Então, há de se perguntar a razão dessa afirmação. Poderia ele não simpatizar

– devido à natureza patológica do escritor russo – com um dos autores que antecede temas memoráveis da psicanálise, como o inconsciente e a maneira como age a civilização nos afetos humanos. Some-se a isso, ainda, o fato de Freud esclarecer a Reik que o artigo foi escrito relutantemente e como favor a uma pessoa². Seria apenas uma estratégia para não entrar em polêmicas? Ou será que de fato o texto sobre Dostoiévski não fora escrito com o mesmo rigor que o autor dedicou a outros livros e artigos? Apesar das contradições, isso demonstra que esse texto sobre o parricídio traz diversas complicações, pois, se as afirmações são verdadeiras, então o escrito foi feito com relutância, mas, se for o contrário e isso for apenas uma maneira de Freud justificar seu texto, há de se notar que ele teve problemas para sustentar suas posições diante de algumas críticas.

Ainda devemos ter em mente que se trata de uma relação psicanalista-paciente peculiar: o paciente não estava vivo, ou seja, é uma análise sem que se possa dialogar diretamente com o indivíduo. Em razão disso, esse estudo ousado teve como base dados biográficos para a realização do diagnóstico – como, por exemplo, dados relatados pelo irmão do escritor, Andrei. Mas sem mais demora, falemos do artigo em si, tentando interpretá-lo e expor as principais ideias a partir apenas de Freud, para que se possa, então, contrastar com as ideias de Joseph Frank.

Nesse estudo, há algo que não é explicado de maneira consistente, mas é fator fundamental para o mesmo. Trata-se do *Complexo de Édipo*. O *leitmotiv* do texto gira em torno desse elemento: esse complexo é um processo natural para todos – embora ocorra de maneira distinta em cada sexo³ –, mas quando ele é mal resolvido acaba gerando um caso clínico,

² O artigo foi publicado primeiro como prefácio a um volume da edição alemã Piper das obras de Dostoiévski, talvez a isso se refere o favor e o texto escrito com uma arquitetura descuidada que Freud cita na carta (Cf. FRANK, 1992, p. 122).

³ O foco aqui é o viés do menino, pois é nessa perspectiva que Freud realiza sua análise.

como uma neurose. Isso teria acontecido com Dostoiévski, e a epilepsia seria um sintoma dessa neurose.

O Complexo de Édipo permeia os textos de Freud e não podemos dizer que possui uma definição única ao longo de toda vida intelectual do autor⁴. Assim, para explicar os fundamentos mais gerais, podemos recorrer a um artigo de 1924: “A dissolução do Complexo de Édipo” – que aborda o fim do mesmo e também é fundamental para o caso Dostoiévski. Esse complexo é essencial para o desenvolvimento da vida psíquica do sujeito, atingindo principalmente o âmbito das pulsões e dos desejos. Conforme explica Freud, o complexo oferece à criança duas possibilidades de satisfação, uma ativa e outra passiva. Ou ela se coloca no lugar do pai e deseja relações com mãe – o pai torna-se um estorvo – ou deseja o pai e coloca-se no lugar da mãe – e esta se torna supérflua. Ele continua:

Até então, não tivera ocasião de duvidar que as mulheres possuíssem um pênis. Agora, porém, sua aceitação da possibilidade de castração, seu reconhecimento de que as mulheres eram castradas, punha fim as duas maneiras possíveis de obter satisfação do complexo de Édipo, de vez que ambas acarretavam a perda de seu pênis – a masculina como uma punição resultante e a feminina como precondição. Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo (FREUD, 1976, p. 104).

Basicamente: o complexo começa na fase fálica quando a criança estabelece sua primeira relação afetiva que vai ser com a mãe – e, por consequência, surgem desejos por ela. O pai aparece como um perturbador para essa relação, a criança percebe a presença de um terceiro agente e, assim, desenvolve sentimentos ambíguos para com o pai: admira e anseia

⁴ A expressão só aparece em textos a partir de 1910, mas seu desenvolvimento acompanha toda sua obra mesmo que implicitamente. Assim, não há um artigo específico que sistematize esse complexo (cf. JORGE; FERREIRA, 2005, p. 26).

tornar-se o pai e possuir a mãe, mas, ao mesmo tempo, também surgem sentimentos hostis ao seu progenitor por ter sido o perturbador de sua relação inicial. Em uma postura passiva, o menino vai desejar o pai e ocupar o espaço da mãe – sugerindo um comportamento homossexual –, porém, é possível que consequências de ambas as posturas possam refletir no mesmo indivíduo, como ocorre com Dostoiévski.

A presença do pai vai iniciar o que se pode chamar “complexo de Castração”, no qual o menino se vê ameaçado: pode perder seu órgão devido a seus desejos e, conseqüentemente, isso o faz refrear ou até desistir deles.

O pai é visto como uma autoridade e estabelece uma espécie de moralidade, ou melhor, um limite para as pulsões. Freud ainda explica: “A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição desse incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal” (Ibidem, p.104). Dentro da estrutura Ego Id e Superego, este último aparece identificada com a figura paternal, e é o que refreia as pulsões que o Id exerce sobre o Ego. Com o complexo de Édipo encerrado, se inicia o período de latência e as pulsões sexuais ficam inativas – por assim dizer – até ressurgirem na adolescência.

Partindo da estrutura do complexo, Freud estabelece Dostoiévski como um neurótico. Mas isso não reflete um problema apenas em sua personalidade. Fazendo a análise de sua vida, estabelece a riqueza de conteúdo sobre o parricídio que o escritor fornece para a psicanálise⁵.

Esclarecido esse pano de fundo do artigo, podemos dizer agora para onde as atenções do psicanalista se voltam e o que em seu artigo é mais importante para o trabalho aqui apresentado. No estudo “Dostoiévski e o

⁵ O interesse de Freud nessa obra em particular não é apenas pelo complexo de Édipo. Ela trata do parricídio, um tema que aborda em outros livros como *Totem e tabu*, pois, segundo o autor, trata-se do crime originário da humanidade e reflete questões como: sentimento de culpa, moralidade, entre outros fatores.

parricídio”, Freud (2015) inicia com a distinção de quatro fachadas na personalidade do autor russo: o escritor, o neurótico, o moralista e o pecador.

Podemos separar os principais pontos do artigo em três partes: (i) para Freud, Dostoiévski não teria cumprido o essencial da eticidade, ele seria um pecador que, após seus fracassos, estabelece altas exigências morais. De tal maneira, acaba, no fim de seus conflitos éticos, entregando-se à autoridade do czar e da Igreja. A partir disso, considera Dostoiévski um criminoso. Embora isso seja antagônico – e o próprio Freud admite – ele explica que o escritor tem muita simpatia pela figura do criminoso – basta lembrar aqui de *Crime e castigo*. Isso somado ao vício no jogo e à sua confissão sobre o abuso de uma adolescente. Enfim, os afetos que o levariam facilmente a ser um criminoso acabaram se voltando contra o próprio Dostoiévski – fazendo com que se manifestasse um sentimento de culpa e um masoquismo⁶. Essa constituição pulsional perversa é fruto do complexo mal resolvido, que torna Dostoiévski um neurótico. Todavia, essa constituição poderia existir sem a neurose, então Freud precisa justificar a mesma: ele diz que sua origem começa na infância, mas apenas após o assassinato do pai – quando o escritor tinha dezoito anos – assume forma epilética. Isso devido ao medo do desejo de morte. Além disso, esse desejo apenas foi interrompido pela castração, o que vai sugerir homossexualidade latente em Dostoiévski; (ii) o Superego assume as formas do pai, se ele for violento e cruel, assim se comportará essa instância e, conseqüentemente, o Eu assume forma passiva e feminina – isso explica o porquê de Dostoiévski ser submisso à religião e ao czar, pois Deus e o Estado aparecem como figuras paternas; (iii) mas se há uma necessidade de punição pelo desejo de morte do pai, deveria haver algo que confirmasse que era a epilepsia que saciava tal necessidade, ou seja, que esse dado clínico

⁶ Aqui temos já a importância de esclarecer o complexo de Édipo, segundo Frank (cf. 1992, p. 128), cujo masoquismo vem do desejo reprimido de se tornar a mãe e a culpa do desejo de eliminar o pai.

era resultado do anseio pela punição. Temos, então, um ponto crucial do artigo: a prisão de Dostoiévski na Sibéria. Durante o tempo em que ficou nela seus ataques diminuíram, ou seja, lá ele era punido e sua psique não necessitava dos ataques como meio para tanto.

Esses são os três pontos mais interessantes do artigo, pois aportaram as críticas de Frank⁷. Por meio delas, Freud explica o conservadorismo do escritor, sua submissão, seus ataques e, claro, sua predileção por alguns temas de sua obra, principalmente na mais central: *Os irmãos Karamazov*⁸.

A CRÍTICA DE FRANK NO SEU ARTIGO “FREUD E A ANAMNESE DE DOSTOIÉVSKI”

Uma das coisas mais relevantes e que devem ser ressaltadas é a seguinte: Joseph Frank não é um psicanalista. Logo, a sua crítica é puramente estruturada dentro dos limites de seu saber. É necessário expor isso, pois se nota que Frank não parece estar habituado à psicanálise; o biógrafo comete o deslize de não entender que esta não se trata de uma ciência exata, isto é, um número fora do lugar não compromete a equação. A psicanálise trabalha com afetos e seres humanos, por isso há muita contingência, não se pode esperar que tudo ocorra dentro de um padrão sem qualquer alteração. De maneira que um erro biográfico pode *ou não* comprometer a análise.

As críticas de Frank residem sobre os três pontos acima. Todavia, apesar de questionar o estudo “Dostoiévski e o parricídio”, seu artigo não inicia com esse texto de Freud, mas sim sobre o que podemos chamar de um

⁷ O artigo ainda finaliza falando como o sentimento de culpa gerou o vício em jogo do autor que era um substituto para o onanismo.

⁸ Para Freud, entre as três grandes obras sobre o tema – a saber, as outras duas são *Édipo rei* e *Hamlet* – a de Dostoiévski é a que melhor reflete a manifestação do conjunto pulsional de um indivíduo, pois a tragédia de Sófocles não chega a mostrar exatamente essas pulsões, talvez se possa dizer que ela serve mais como configuração para a imagem do complexo de Édipo construída por Freud, e o *Hamlet* de Shakespeare não chega a ter a consumação do ato.

esboço do mesmo que aparece no relato em carta ao seu amigo Stefan Zweig em 1920. Nessa carta falam da obra de Zweig sobre Dickens, Balzac e Dostoiévski intitulada *Três mestres* que forneceu já os primeiros dados a Freud, que discordava de Zweig quanto à epilepsia do autor. Nesse ano já acreditava que a epilepsia era de caráter psíquico, e com isso temos dois equívocos de Freud: ele desconhecia que o filho de três anos de Dostoiévski, Aleksei, morreu de um ataque epilético que durou três horas e dez minutos, ou seja, é possível que a epilepsia de Dostoiévski fosse orgânica em sua origem, mas Frank explica que Freud era um lamarquiano impenitente e acreditava na herança de caracteres adquiridos muito depois dessa ideia ter sido abandonada e, dessa maneira, argumentou que a epilepsia se originou com Dostoiévski⁹ (Cf. FRANK, 1992, p. 125). Já o segundo erro foi uma interpretação de Freud que relacionou um dado biográfico como referência à castração – e também ao Édipo –, embora não houvesse nada de pai ou castração nessa passagem. Freud, porém, ao escrever a carta, achava que Dostoiévski era uma criança quando seu pai faleceu – explicando o complexo mal resolvido – mas na verdade o assassinato do pai – que viria a público apenas em 1921 – ocorre quando ele tinha dezoito anos (Cf. *Ibidem*). Isso era um erro gravíssimo para a teoria de Freud, pois o indivíduo não sendo criança já teria passado por esse complexo e sua formação psíquica estaria formada de maneira consistente.

Para seu estudo, o ponto mais crítico era o assassinato do pai. Agora que sabia desse fato, não faria sentido afirmar que este fosse determinante

⁹ Embora a epilepsia possa ter causas hereditárias e ser lamarquiano obviamente não ajudaria Freud em nada, a maneira como Frank coloca faz parecer que aquele era um dogmático lamarquiano. É verdade que na época da carta, e mesmo do estudo de 1928, ser lamarquiano era ultrapassado, porém a crença na ideia de Lamarck sobre os caracteres adquiridos não eram nenhum absurdo, pois mesmo os darwinistas tinham problemas quanto a isso – o que fora por terra em Lamarck era a lei do uso e desuso. O que corroborou para derrubar a ideia de caracteres adquiridos foram as descobertas dos estudos de Gregor Mendel em 1900, mas que iriam ser unidas ao darwinismo apenas a partir das décadas de 1930-40 consolidando a Teoria Sintética da Evolução ou neodarwinismo. Assim, não houve ingenuidade ou má vontade por parte de Freud nessa parte da análise.

para originar a neurose. Logo, ele precisaria contornar essa dificuldade. Nesse ponto, o deslize cometido por Freud acerca da biografia de Dostoiévski não compromete sua análise devido ao seguinte: a má formação do complexo não possui como única causa a morte do pai, uma vez que apenas o desejo seria suficiente e, se o pai fora violento ou ausente, por exemplo, esse desejo poderia ser reprimido e a superação do complexo não ocorreria “normalmente”. Logo, poderia ocorrer que as consequências despertassem apenas aos dezoito anos. O contorno que Freud fornece faz-se consistente. O fato de não ter um papel determinante como causa da epilepsia, como argumenta Frank (cf. *Ibidem*, p. 126), significa apenas que como ficou sabendo dessa nova informação, ele buscou outra fonte para sustentar sua hipótese. Vamos agora às críticas ao estudo de 1928.

A crítica se centra, num primeiro momento, na bissexualidade ou homossexualidade que Freud sugere estar presente no escritor. Como explicamos acima, isso pode ser consequência do complexo não superado. Freud sustenta essa homossexualidade no seu artigo citando as relações masculinas na vida do escritor e sua postura perante os rivais no amor (Cf. FREUD, 2015, p. 292-3). Segundo Frank (1992, p. 127): “essas afirmações são tão inespecíficas que é difícil saber a que se referem [...]”. Assim o biógrafo explica que as amizades, mesmo as mais intensas como a que teve com Ivan Bierejezki, não teriam maior grau de afeto que Freud teve com Breuer, por exemplo, e por isso não fariam sentido. Além disso, cita que, sobre a postura sobre seus rivais, ele deveria se referir ao esforço de Dostoiévski para obter uma promoção ao jovem que competia com ele pela mão de uma viúva – que inclusive seria a sua primeira esposa mais tarde. Isso, no entanto, explica-se pelo seguinte motivo: “[...] se ela o rejeitasse e se casasse com o rival, ele não desejaria que ela vivesse na miséria” (*Ibidem*, p. 128). Ora, mas tal fato é mais uma ação altruísta – comum ao escritor – do

que homossexual. Nesse caso, não há problema algum em dar razão a Frank. Freud apenas buscou sustentar um dos sintomas do complexo sem muito fundamento.

Outro ponto muito criticado remete à relação com o pai. Se não foi o assassinato que desencadeou o complexo, algo no comportamento do pai de Dostoiévski deve tê-lo feito, e Freud tinha convicção de que o pai era violento, ou seja, isso seria a causa da morte do mesmo despertar a culpa. Mas Frank argumenta que, apesar de não saber o que Freud entende por violência: “A única indicação que temos, constante das memórias do irmão mais jovem de Dostoiévski, Andrei, apresenta o pai como irritável, temperamental e despótico; mas ele desaprovava o castigo corporal em crianças e nunca bateu nas suas” (Ibidem, p. 128-9). Na verdade, a relação entre o escritor e seu pai é muito complexa. Não há muitos dados que sugiram uma má relação a ponto de chegar a ser patológica e dificultar a superação do complexo. E com esse argumento em mãos, Frank coloca novamente em xeque a teoria de Freud. Lembramos novamente: a psicanálise não é exata, saber o que seria em cada relação um comportamento patológico que resultasse em problemas sérios é algo questionável – em contrapartida, também seria o único fator a ser levantado para defender a teoria freudiana.

Apenas outros dois pontos são críticos: o medo de morte de Dostoiévski – que iria relatar a seu amigo Solowjoff –; este, seria o ponto seguro para a teoria de Freud já que sustentaria que os ataques estariam sugerindo algum problema com sua psique, daí os bilhetes que ele deixava antes de dormir com medo de sono letárgico – fato relatado por seu irmão (cf. FREUD, 2015, p. 290-1). Acerca disso, Frank argumenta que há um problema com a datação de Freud: “Com efeito, se nos voltarmos para as fontes, veremos que não há qualquer indício que relacione tais sintomas à infância de Dostoiévski” (FRANK, 1992, p. 130) – logo, o ponto seguro de

Freud não seria tão seguro assim. O segundo ponto crítico se refere à prisão na Sibéria, pois confirmaria que os ataques seriam meios de punição pelo desejo de morte do pai que fora consumado aos dezoito anos. Acontece que Freud teria aceitado apenas os relatos familiares sobre a epilepsia de nosso escritor, todos os outros não corroboram para tal argumento. Segundo Frank, “não há um único fragmento de prova de qualquer tipo para apoiar a posição de Freud” (Ibidem, p. 132). E ainda relata que as melhoras que teve foram devido ao árduo esforço físico devido os trabalhos forçados.

Mas se os relatos vêm da própria família do escritor, como poderiam estar errados? Argumenta-se que Dostoiévski estava na faculdade de engenharia e dividia quarto com estudantes, então “[...] dificilmente poderia esconder um grave ataque epilético, mesmo que o desejasse” (Ibidem, p. 133). E não há nenhum relato de amigos sobre isso. O fato de uma melhora na sua condição apenas foi aceito porque se encaixava na teoria psicanalítica, de outro modo, nem teria sido levada a sério. E, não sendo o suficiente, Frank ainda explica o porquê da segunda mulher do escritor ter espalhado essa notícia sendo que não seria verdadeira. Para ele, o que ocorreu foi uma confusão. Dostoiévski, um ano antes do assassinato de seu pai, sabia que não seria aprovado na Escola de Engenharia e relatou isso a ele – devido ao fato, o escritor teve um sério ataque que precisou de tratamento médico. Ao rememorar isso a sua segunda esposa, ela deve ter confundido ou mesmo falsificado esse ponto por ser obcecada pela epilepsia de seu marido. Há algo que deve ser dito: Frank aqui também apenas intui, pois não há nenhum dado concreto que confirme tal confusão ou falsificação. As críticas de Frank acabam por aí. Como se vê, ele acredita que a epilepsia do escritor era orgânica e não neurótica.

É NECESSÁRIO UM VEREDITO?

É plausível afirmar que ambos os autores exageraram ou deixaram a desejar em algum momento. A Frank, por exemplo, faltou interpretar mais. Ele apenas se sustentou em dados que recolheu sobre o autor para a confecção da biografia do mesmo – embora seu dado sobre a epilepsia do filho do escritor, o que a leva a uma possível causa genética, coloque em xeque a teoria freudiana. Ora, alguns pontos do artigo de Freud também são questionáveis não apenas por dados biográficos mais consistentes, mas também por interpretação de sua obra – que, claro, pode ter diversas perspectivas, contudo algumas podem corroborar para demonstrar que suas teorias não se confirmariam. Primeiro: dizer que Dostoiévski não quis ser libertador e se juntou ao carcereiro é um tanto quanto injusto (Cf. FREUD, p. 284). Muitos que queriam ser um libertador se tornaram depois carcereiros – e falando da Rússia isso se torna ainda mais verossímil se pensarmos no que a Revolução viria ocasionar quando chegou no regime stalinista. E outro ponto é muito problemático: a submissão de Dostoiévski ao czar e a Deus. Em determinado momento Freud afirma que o escritor era totalmente submisso ao paizinho czar e oscilou entre crença e ateísmo (cf. Ibidem, p. 297). Essa afirmação é perigosa. Dostoiévski por vezes parecia se mostrar insatisfeito com o Estado e com o modo de vida extremamente miserável do povo russo – seu primeiro romance, *Gente pobre*, foi muito bem aceito entre os intelectuais e críticos russos, pois apresentava uma crítica social nesse sentido. Por outro lado, com relação a Cristo, se mostra muito mais fiel.

Sua insatisfação com o Estado é mais notável após seu exílio. Embora seja verdade que o escritor voltou mais conservador – e desiludido com o socialismo – após seu exílio, ainda em romances como *Crime e castigo* ou

mesmo *Os irmãos Karamazov*, aparecem figuras que vivem em extrema miséria. No entanto, elas são salvas por Cristo, é à figura de Cristo que se rendem e não ao czar¹⁰. Em *Crime e castigo*, Raskóhnikov padece e apenas confessa o assassinato por se render a Sônia – que é uma das que representam, em seus romances, o que pode ser denominado como “personagens Cristo”, que personificam a interpretação que o autor tinha desse personagem bíblico. E em *Os irmãos Karamazov*, Dmitri é salvo da injustiça por Aleksei – outro “personagem Cristo”. Também é verdade que o romance *Os demônios* corrobora para a visão conservadora sobre o escritor. No entanto, há de se alertar: essa obra gerou muita polêmica – e gera ainda hoje, levando a interpretações de ordem políticas e morais tanto de direita como de esquerda – devido à acusação de ter retratado a *intelligentsia* russa de maneira muito deplorável. Soma-se ainda o fato de ter escrito diversos textos para um semanário de direita-czarista, o *Grajdánin*¹¹ – porém, o fez por falta de dinheiro, o que ideologicamente traz discordância, que pode tê-lo feito se demitir.

O que se quer dizer com isso? Que sim, Dostoiévski volta desiludido com as ideias políticas dos intelectuais russos, mas que nem por isso parece acatar o regime czarista. Parece, de fato, que sua fé em Cristo seria mais inabalável do que sua fé no Estado.

¹⁰ Um dos argumentos que se usa para dizer que o autor flertou com o ateísmo são os das críticas que aparecem ao cristianismo em *O idiota* ou mesmo pelo personagem Ivan Karamazov, mas elas podem muito bem dizer respeito a um cristianismo específico – o ocidental, da igreja católica apostólica romana. Tal afirmação se sustenta pela proximidade de Dostoiévski com a Igreja Ortodoxa Russa.

¹¹ Não há o intuito de se aprofundar na polêmica de *Os demônios*, mas vale citar que no artigo “Crítica ideológica e Dostoiévski”, Schnaiderman afirma que Dostoiévski critica um tipo específico de socialismo: o socialismo do pequeno-burguês (Cf. SCHNAIDERMAN, 1974, p. 114). Além disso, o socialismo que defendia os intelectuais russos na época não era o mesmo que viria a dominar no século XX, fortemente ligado às ideias de Karl Marx. Considerá-lo reacionário ou conservador não é absurdo – mas isso diz respeito mais ao âmbito da moral e da religião. Ele conviveu com a miséria e injustiça provenientes do Estado, que inclusive retrata em seus livros. Vale lembrar ainda que, no mesmo jornal, publicava *Os diários de um escritor*, em que, além de relatos jornalísticos, históricos, etc. publicou alguns contos, dentre eles, o famoso *Bobók*, que teria sido a resposta do escritor as críticas que recebeu pelo romance *Os demônios*.

Nesse sentido, não é possível – e nem seria prudente – dizer quem detém a verdade absoluta acerca de Dostoiévski. Convém buscar maior riqueza para interpretações sobre o escritor. Ao julgar um comentário como certo e outro como errado, somos levados a excluir por completo um deles – e isso seria uma perda. É possível, pois, haver um ponto de tangência entre ambos.

CONCLUSÃO: O QUE FICA DA RELAÇÃO PSICANÁLISE-LITERATURA

Mais interessante que um veredito é saber como cada área contribui para a outra. No que concerne a Freud, podemos dizer que seu texto nos fala, mesmo que implicitamente, de um conceito de extremo valor para pensar a literatura: a *sublimação*.

É preciso que o leitor compreenda que para tratar da sublimação com o rigor que lhe é exigido seria necessário um montante de linhas a mais do qual não dispomos; há uma vasta bibliografia que trata exclusivamente desse conceito espinhoso e complicado de sistematizar em decorrência de que o próprio Freud não o abordou de maneira aprofundada, tornando-o, até os dias atuais, uma lacuna nos estudos de psicanálise (Cf. LAPLANCHE; PONTALIS, 1990, p. 422). O que fizemos foi tentar oferecer o suficiente para economia do argumento por ora proposto.

Ressalta-se que a ideia, segundo o *Vocabulário de psicanálise*, evoca o termo tanto estético quanto químico. Neste último, sublimar é a passagem direta de um corpo em estado sólido ao gasoso. Na psicanálise o processo é análogo, mas diz respeito às pulsões:

Freud, ao longo de toda a sua obra, recorre à noção de sublimação para tentar explicar, de um ponto de vista econômico e dinâmico, certos tipos de atividades

alimentadas por um desejo que não visa, de forma manifesta, um alvo sexual: por exemplo, a criação artística, a investigação intelectual e, em geral, atividades a que uma dada sociedade confere grande valor (ibidem, p. 420).

Dito em outras palavras, a sublimação é uma atividade do indivíduo que tem sua gênese nas pulsões sexuais, mas que são dessexualizadas e deslocadas, não tendo como alvo um objeto sexual, e sim metas valorizadas pela sociedade. O processo de criação artística, como a literatura, atuaria nesse sentido, sendo fruto do âmbito das pulsões.

A sublimação é apenas um dos destinos das pulsões – e se diferencia por seu caráter positivo, pois ao sublimar as pulsões não são recalçadas: “a capacidade do paciente de sublimar seus instintos desempenha um grande papel e assim também a sua capacidade de elevar-se acima da vida grosseira dos instintos, bem como, ainda, o relativo poder de suas funções intelectuais. (FREUD, 1975, p. 117). É assim que a criação se torna um meio de libertar o que fora reprimido no indivíduo pelas forças civilizatórias. É possível sublimar para metamorfosear as energias penosas e agressivas, presentes em nosso íntimo, em obras significativas que expandem a compreensão do mundo e da humanidade. Por tal motivo, é possível afirmar que esse processo serve para apaziguar o sofrimento psíquico¹².

Logo, em “Dostoiévski e o parricídio”, conseguimos asseverar que Freud não quer “condenar” o autor de *Os irmãos Karamázov*, e que ler Frank para embasar teorias que desqualifiquem o psicanalista ou a própria psicanálise por receio dessa suposta condenação também é imprudente. Freud estava mais interessado em estudar a capacidade criativa dos artistas – pela sublimação – e a relação disso com seus sintomas – as forças que

¹² O porquê alguns sublimam e outros não ainda é uma incógnita para a psicanálise. Quem não consegue sublimar pode ter as artes como um mero refúgio ou uma evasiva para as frustrações. Porém, isso não quer dizer que o leitor tenha uma postura apenas passiva por não ser criador. Pois, através das artes, não é apenas o artista que tem objetivado a atenuação do sofrimento causado pelos desejos não realizados. Além disso, nada impede que a arte estimule a criação.

impulsionam a criação artística são as mesmas engendradas no conflito que levam outras pessoas às neuroses. É possível, ainda, dizer que a neurose de Dostoiévski fosse ainda mais forte se não fosse pela sua aptidão para o criar artístico.

Como a arte se constitui entre a realidade e a fantasia – esse último, não frustra os desejos, mas o satisfaz –, ela acaba evidenciando questões psicológicas caras à humanidade antes não tão aparentes. E é aí que a literatura contribuiu para a psicanálise.

Por anos o homem acreditou que era dono por completo de suas ações, podendo dominar toda a natureza e seus desejos. Freud, ao introduzir a noção do inconsciente, faz da psicanálise uma forte opositora dessa perspectiva. Mas Dostoiévski já se adiantava nisso, como em *Memórias do Subsolo* em que escreve: “A natureza não vos pede licença; ela não tem nada a ver com os vossos desejos nem com o fato de que as suas leis vos agradem ou não” (DOSTOIÉVSKI, 2006, p. 24); ou como quando adiantava a crítica à superioridade da razão: “Pensai no seguinte: a razão, meus senhores, é coisa boa, não há dúvida, mas razão é só razão e satisfaz apenas a capacidade racional do homem, enquanto o ato de querer constitui a manifestação de toda a vida [...]” (Ibidem, p.41). Com tais pensamentos, o escritor nos auxilia na compreensão de que nossas ações não são frutos de uma racionalidade extrema, mas também de afetos e sentimentos – e, em especial, por meio da influência do inconsciente. Mais ainda: é impossível impedir a atuação das pulsões como por anos se tentou fazer. *Mémoires do Subsolo* é um indicativo de que Dostoiévski já nos remetia à fundamentação do inconsciente freudiano.

Por esse motivo, Freud, mesmo não admitindo gostar de Dostoiévski, não permaneceu indiferente à lucidez perspicaz do escritor, e assim teceu algumas críticas, levando o biógrafo mais famoso do autor a respondê-las.

Como vemos, seus romances suscitam em nós um certo *pathos* que é impossível ignorar.

Dostoiévski foi de extrema importância para os séculos XIX, XX e XXI – e provavelmente continuará sendo para os seguintes. Ele mostra que os temas da literatura não se limitam a esse campo, mas se expandem até a política ou a ética, englobam a vida como um todo. Tamanha é a grandeza desse autor, que não é de se admirar que Freud cause esse desconforto aos textos clássicos; os grandes cânones têm como objetivos causar o incômodo, o estranhamento, a reflexão. Porém, não se pode ignorar o fato de que ele parece escrever não para falseá-lo em prol de sua teoria, e sim para entender um daqueles que, podemos dizer sem medo, foi um precursor da psicanálise – e o parricídio foi apenas *um* dos temas por ele antecidos. Nessa relação entre psicanálise e literatura, tudo ocorre em uma via de mão dupla, as contribuições são mais interessantes do que a verdade absoluta sobre algo. É nesse sentido que o texto pode ser lido.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Ernani. Prefácio: O paradigma estético de Freud In: In: FREUD, Sigmund. **Obras incompletas: Arte, Literatura e os Artistas.** Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo.** 5 ed. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editoria 34, 2006.

_____. **Os irmãos Karamazov.** Tradução de Natalia Nunes e Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

FRANK, Joseph. Freud e a anamnese de Dostoiévski In: _____. **Pelo prisma russo: Ensaio sobre literatura e cultura.** Tradução de Paula Cox Rolim e Francisco Achcar. São Paulo: Edusp, 1992.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Vol. XIX. Tradução [s/d]. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (Edição *Standard*).

_____. Esboços de psicanálise In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XXIII. Tradução [s/d] . Rio de Janeiro: Imago, 1976 (Edição *Standard*).

_____. Carta a Theodor Reik de 14 de abril de 1929. In: _____. **Obras completas: Inibição, sintoma e angustia O futuro de uma ilusão e Outros textos (1926-1929)**. Vol. 17. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Dostoiévski e o parricídio In: _____. **Obras incompletas: Arte, Literatura e os Artistas**. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

JORGE, Marco Antônio Coutinho; FERREIRA, Nadiá. **Freud criador da psicanálise**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 (Coleção Psicanálise Passo-a-Passo).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário de psicanálise**. 7 ed. Tradução de Pedro Tamen. Lisboa: Editora Presença, 1990.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Crítica ideológica e Dostoiévski**. *Trans/Form/Ação*, Marília, vol.1, 1974, p.105-116.